

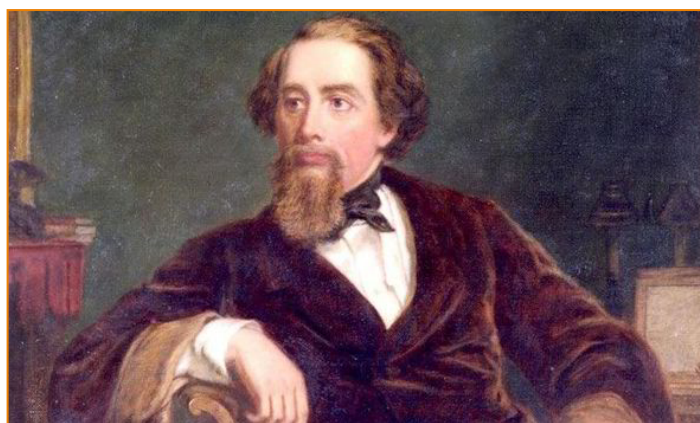
O ELOGIO DE CHARLES DICKENS AO REI ALFRED DE WESSEX (871-899)¹

MIGUEL ALARCÃO²
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

1

"(...) once he [Alfred] had taken over the helm of his kingdom, he alone, sustained by divine assistance, struggled like an excellent pilot to guide his ship laden with (...) wealth to the desired and safe haven of his homeland, even though (...) his sailors were virtually exhausted; similarly, he did not allow it to waver or wander from course, even though the course lay through the many seething whirlpools of the present life."

(Asser, *Life of King Alfred*, c.893, apud Keynes e Lapidge, eds., 1983, 101)



Charles Dickens

¹ Professor Associado da FCSH-UNL, pela qual obteve a licenciatura (Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses e Ingleses, 1981), o mestrado (Estudos Anglo-Portugueses, 1986) e o doutoramento (Cultura Inglesa, 1996). Docente na FCSH-UNL desde 1983-84 e Leitor de Português na Universidade de Birmingham, Inglaterra (1986-87 a 1988-89). Investigador do *Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies* (CETAPS) da FCSH-UNL e colaborador do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (CEAUL). Autor, além de c. de cinquenta artigos, de *Príncipe dos Ladrões: Robin Hood na Cultura Inglesa (c.1377-1837)*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Fundação Calouste Gulbenkian, 2001 e *'This royal throne of kings, this sceptred isle': breve roteiro histórico-cultural da Idade Média inglesa (Séculos V-XV)*. Lisboa: Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa, 2014. Co-editor (com Luís Krus e Maria Adelaide Miranda) de *Animalia. Presença e Representações*. Lisboa: Edições Colibri, 2002; (com idem) de *A Nova Lisboa Medieval*. Lisboa: Edições Colibri, 2005; (com Carlos Ceia e Iolanda Ramos) de *Letras & Ciências. As Duas Culturas de Filipe Furtado. Volume de Homenagem*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009; (com Maria Zulmira Castanheira) de *O Rebelde Aristocrata. Nos 200 Anos da Visita de Byron a Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, 2010 (Web <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1304id2302&sum=sim>>).

Lembrado sobretudo como autor de ficção, mas também jornalista, ensaísta, dramaturgo e viajante, Dickens (1812-1870) publicaria semanalmente *A Child's History of England* no periódico *Household Words*, fundado pelo próprio (1850), entre 1851 e 1853.² Segundo Derek Hudson, na sua introdução à edição consultada (*in Dickens s. d.*, vii), o anúncio da intenção de escrita consta já, porém, de uma carta de 3 de Maio de 1843 a Douglas Jerrold, tendo a obra por destinatário original o filho do romancista; e, na verdade, *A Child's History* seria dedicada a "To My Own Dear Children whom I hope it may help (...) to read with interest larger and better books on the same subject."*(Ibidem*, xi)³

Sobre esta dedicatória, duas curtas observações podem ser avançadas, a primeira das quais para lembrar que --- tal como nós --- Dickens não era historiador, pelo que *A Child's History* padece de algumas limitações. Em segundo lugar, os objectivos e o público-alvo justificam uma chamada de atenção para a aposta oitocentista na educação infanto-juvenil através também da leitura; esta recomendação, já aflorada por John Locke (1632-1704), em *Some Thoughts Concerning Education* (1693), e acolhida por John Newbury (1713-1767), achava-se bem presente na sociedade vitoriana, tendo em conta a crescente produção, a partir do segundo quartel do século XIX, de textos e obras especificamente concebidos para um público leitor e/ou auditor infanto-juvenil.⁴

² E posteriormente em três volumes, respectivamente publicados nos anos consecutivos de 1852, 1853 e 1854.

³ A mesma fonte menciona duas obras influentes em Dickens, sem indicar, porém, os respectivos títulos completos nem as datas originais de publicação. A primeira é *A History of England from the First Invasion by the Romans to the End of the Reign of George III* (1823), de Mrs. Markham (Pseudónimo de Elizabeth Penrose, 1780-1837); a autora era filha de Edmund Cartwright (1743-1823), inventor pioneiro da indústria têxtil, e sobrinha do Major John Cartwright (1740-1824), autor de *Take your Choice* (1776). Quanto a *Little Arthur's History of England* (1835), obra que atingiu a 16ª edição em 1851, a sua autora foi Maria Graham, depois Lady Callcott (1785-1842), escritora, viajante e artista que viveu algum tempo na Índia, no Chile e no Brasil, tendo privado com a família imperial luso-brasileira e sido preceptora de D. Maria da Glória, a futura D. Maria II (1834-1853).

⁴ F. J. Harvey Darton apresenta o período vitoriano como aquele "(...) when children's books in the modern sense really 'grew up'" (Darton 1970, s. p.), definindo-os como "(...) printed works produced ostensibly to give children spontaneous pleasure, and not primarily to teach them, nor solely to make them good, nor to keep them *profitably* quiet." (*Ibidem*, 1), o que exclui, aliás, a obra em apreço.

Em jeito de apresentação genérica, *A Child's History of England* consiste num repositório romanceado de factos, lendas e efabulações atinentes à história político-militar de cada reinado --- a base da estrutura capitular adoptada ---, desde os primeiros povoamentos até à Revolução Gloriosa (1688),⁵ sendo todos os reinados posteriores até ao de Victoria (1837-1901) compactados no capítulo final, que termina, de forma algo insólita, com uma saudação à soberana.⁶ Derek Hudson descreve a obra como "(...) an unsparing picture of prolonged wickedness in high places, exposed with lurid detail and much rough sarcasm." (*in* Dickens s. d., x) e, com efeito, entremeados por apartes que roçam não raro o radicalismo,⁷ a *Child's History* abunda em juízos estereotipados e afirmações pouco felizes,⁸ como as proferidas sobre John (1199-1216),⁹ Henry III (1216-1272), duas vezes apodado de "(...) the stupid old King (...)" (*Ibidem*, 148 e 154), Richard II (1377-1399), "(...) a treacherous, wasteful, dissolute, bad young man." (*Ibidem*, 199), Henry VIII (1509-1547) --- "(...) one of the most detestable villains that ever drew breath." (*Ibidem*, 281) e "(...) a most intolerable ruffian, a disgrace to human nature, and a blot of blood and grease upon the History of England" (*Ibidem*, 306) ---, James I (1603-1625),¹⁰ Charles II (1660-1685)¹¹ ou a descrição colectiva dos Stuart como "(...) a public nuisance altogether." (*Ibidem*, 472) Os

⁵ A escolha de 1688 como data terminal sugere uma possível influência da historiografia *whig*, associada a nomes como Henry Hallam (1777-1859), Thomas Babington Macaulay (1800-1859) e Edward Augustus Freeman (1823-1892); sobre esta tendência ou corrente historiográfica veja-se Furtado 2003.

⁶ "She is very good, and much beloved. So I end, like the crier, with GOD SAVE THE QUEEN!" (Dickens s. d., [473])

⁷ Embora dedicado ao autor de ficção e não ao 'historiador', recomenda-se a leitura de um ensaio de Orwell, para quem "(...) even if Dickens was a bourgeois, he was certainly a subversive writer, a radical, one might truthfully say a rebel. (...) Dickens attacked English institutions with a ferocity that has never since been approached. Yet the very people he attacked have swallowed him so completely that he has become a national institution himself." (Orwell 1986, 81)

⁸ "I am afraid we have met with some Kings in this history, and shall meet with some more, who would have been very much the better, and would have left the world much happier, if they had been imprisoned nineteen years (...)." (Dickens s. d., 227)

⁹ "I doubt whether the crown could possibly have been put upon the head of a meaner coward, or a more detestable villain, if England had been searched from end to end to find him out." (*Ibidem*, 122)

¹⁰ "(...) a creature like his Sowship set upon a throne is like the Plague, and everybody receives infection from him." (*Ibidem*, 377); esta forma de tratamento do primeiro Stuart britânico atravessa todo o capítulo.

¹¹ "(...) if the Merry Monarch had been made to follow his father [Charles I, 1625-1649] (...), he would have received his just deserts [sic]" (*Ibidem*, 434) e "(...) though he had had ten merry heads instead of one, he richly deserved to lose them by the headsman's axe." (*Ibidem*, 440)

O ELOGIO DE CHARLES DICKENS AO REI ALFRED DE WESSEX (871-899)¹

MIGUEL ALARCÃO²
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

exemplos poderiam multiplicar-se, mas observações deste jaez destoam diametralmente do objecto em análise: a apreciação encomiástica, senão mesmo panegírica, do Rei Alfred de Wessex (n. 849, r. 871-899).¹² Nesse sentido, começaremos por evocar, de forma breve, a multifacetada importância histórica do 'Carlos Magno inglês'.



King Alfred of Wessex

Assim, nas acções de Alfred como guerreiro e chefe militar avulta, pelo seu papel na inversão da sorte das armas, o ano de 878, quando a derrota sofrida em Athelney perante os dinamarqueses comandados por Guthrum é compensada, escassas semanas mais tarde, pela vitória de Edington e pela celebração do acordo (e posteriormente tratado) de Wedmore. A conquista de Londres (886) viria a simbolizar a sobrevivência de Wessex, núcleo da subsequente reconquista da *Danelaw* por Edward, *the Elder* (899-924) e Athelstane (924-939) e, por conseguinte, embrião de uma Inglaterra anglo-saxónica finalmente unificada no século X.

Como governante, é usual recordar-se o papel de Alfred no início daquilo a que, provavelmente, chamaríamos hoje "planeamento urbano", bem como na revitalização económico-comercial e na dinamização militar dos cerca de trinta burgos

¹² O capítulo III, intitulado "England under the good saxon Alfred, and Edward the Elder – from the year 871, to the year 901", ocupa as pp. 18-24 e apresenta erradamente 901 (e não 899) como o ano final do reinado de Alfred.

O ELOGIO DE CHARLES DICKENS AO REI ALFRED DE WESSEX (871-899)¹

MIGUEL ALARCÃO²
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

amuralhados, fortificados e dotados de guarnições permanentes (*burhs* ou *burghs*).¹³ Do mesmo modo, há que destacar a reestruturação do exército (*fyrð*), conducente às milícias do período anglo-saxónico tardio; a construção de uma esquadra, visando pôr cobro a um maior afluxo de invasores escandinavos; a redacção de leis moldadas em códigos promulgados por soberanos de diferentes reinos heptárquicos,¹⁴ etc.



Albert e Victoria (Frogmore, Windsor)

Não menos relevante foi também a acção de Alfred como homem de cultura,¹⁵ patente na aprendizagem do latim e na tradução para inglês, pelo próprio monarca e/ou por alguns dos seus mais próximos colaboradores, de textos religiosos, filosóficos, históricos e geográficos,¹⁶ além do impulso dado à composição de *The Anglo-Saxon Chronicle*, obra pioneiramente instrumental na construção e no registo de uma memória histórico-identitária nacional 'inglesa'. Por último, aponte-se a religiosidade de Alfred, responsável pela exigência da conversão, pelo baptismo e apadrinhamento de Guthrum, seu antigo opositor, após e conforme o entendimento de Wedmore.

¹³ Cf. o documento conhecido por *Burghal Hidage* (in Keynes e Lapidge, eds., 1983, 193-194), elaborado já no reinado de Edward, the Elder, mas claramente na sequência das políticas alfredianas.

¹⁴ Ainda em contexto jurídico-judicial, vale a pena referir a tradição, evocada em *The Mirror of Justices* (obra anónima de finais do século XIII, atribuída a Andrew Horn) de que Alfred teria mandado executar, num só ano, 44 juízes corruptos.

¹⁵ John Blair aponta-o como o único soberano anterior a Henry VIII a escrever uma obra (in Morgan, ed., 1989, 84).

¹⁶ Na sua introdução, Keynes e Lapidge atribuem ao rei a tradução do *Liber Regulae Pastoralis*, também conhecido por *Cura Pastoralis*, do Papa Gregório, o Grande (590-604), *De Consolatione Philosophiae*, de Boécio, dos *Soliloquia*, de Santo Agostinho (354-430) e de cerca de cinquenta salmos atribuídos ao Rei David; já os *Dialogi*, do mesmo pontífice, a *Historia adversus Paganos*, de Paulo Orosius, e a *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, de Bede, terão sido traduzidos por outras individualidades. A atribuição das autorias de algumas destas traduções compondo, no dizer de Michael Wood, "(...) a kind of Dark Age Penguin Classics or Everyman's Library." (Wood 2000, 144), poderá, contudo, variar consoante as fontes.

O ELOGIO DE CHARLES DICKENS AO REI ALFRED DE WESSEX (871-899)¹

MIGUEL ALARCÃO²
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Este processo de consolidação, preservação e culto da memória de Alfred é indissociável quer da idealização do período anglo-saxónico, veiculada também através da tese do jugo normando, quer dos estudos históricos, antiquários, constitucionalistas, linguísticos e literários empreendidos a partir do início do século XVII.¹⁷ James Sambrook reconstituiu-nos uma já sólida tradição setecentista¹⁸ de louvor do monarca saxão:

"As the most enlightened early upholder of the Gothic constitution, with its equal balance of power between king, lords, and commons, and as a model of patriotism, courage, wisdom, learning, and humanity, Alfred the Great was the object of universal admiration in eighteenth-century England. There were monuments to him in many great gardens; he is the hero of several plays, in one of which, the masque *Alfred* (1740),^[19] Thomson's [James Thomson, 1700-1748] patriotic hymn 'Rule, Britannia!' was sung for the first time. Even Johnson [Samuel Johnson, 1709-1784] (...) furthered the legend of 'Alfred's golden Reign' (*London* 1738, I. 248). The general eighteenth-century opinion was summed up by Thomas Davies (...): 'I scarce know of any character in history so truly sublime and venerable as that of Alfred; and we may defy all the writers from his days to our own to furnish one equal in every princely virtue to this renowned king.'"

(Sambrook 1989, 182; para outros exemplos, cf. Hill 1986, 99-103 *passim*)

Esta glorificação manifestar-se-ia, entre outras vias, na poesia, no periodismo, na pintura, na toponímia e na estatuária, conforme se verifica em Wantage (Berkshire), local de nascimento do soberano saxão, e Winchester, capital desse reino

¹⁷ Sobre estas matérias, cf., respectivamente, Hill 1986 e Alarcão 2004.

¹⁸ Ou mesmo anterior, tendo em conta, por exemplo, a obra de Sir John Spelman, *Life of Alfred* (Ed. Latina, 1678 e inglesa, 1709).

¹⁹ Tratar-se-á, muito provavelmente, de *Alfred: a Masque*, do escocês David Malloch (ou Mallet, 1705?-1765) e publicada in *The Works of David Mallet Esq. A New Edition Corrected*. London: Printed for A. Miller, in the Strand, 1759.

O ELOGIO DE CHARLES DICKENS AO REI ALFRED DE WESSEX (871-899)¹

MIGUEL ALARCÃO²
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

de Wessex (cf. Keynes e Lapidge, eds., 1983, 48, n. 78 e 80 e *Ibidem*, 219),²⁰ que, qual 'aldeia gaulesa' perante as investidas romanas, havia logrado resistir 'ainda e sempre' aos invasores escandinavos.



King Alfred

Mas avancemos no tempo, em direcção ao período vitoriano (1837-1901). Logo em 1838, poucos anos após a aprovação da 1ª lei de reforma eleitoral e parlamentar (*Great Reform Bill/Act*, 1832) e contemporânea dos primeiros afloramentos cartistas, numa obra disponível na Biblioteca Nacional (Cota: H.G. 9165 V.), pode ler-se:

"It is generally allowed that Englishmen are indebted to this illustrious monarch, if not for the contrivance and first introduction, at any rate for the restoration and improvement, of several of their most valuable still existing safeguards of liberty and order. He did not indeed establish a representative government; but he ordered that the great council of the nation --- the only species of legislative assembly suitable to the circumstances of the country in that age --- should meet at least twice every year, thus providing a parliamentary, if not a popular check of considerable importance upon his own authority and that of his successors. The general application of trial by jury to civil and criminal

²⁰ "Alfred still looks down upon his Wessex, down the old street of Wantage and (...) the High Street of Winchester. His name still honours our tea rooms, our tower of Stourhead, and our daffodils." (Duckett 1965, 178)

cases is also thought to be due to Alfred. The common law is supposed to be founded principally on the regulations for the punishment of offences and the dispensing of justice which he promulgated. (...)

Alfred, who was, if ever any one was, literally the Father of his country, presiding over and directing the whole management of affairs, almost as if the people had been indeed his family,, accomplished what he did chiefly by the golden rule of doing every thing [sic] at its own time. (...) England has had no monarch, or patriot, of whom she has more reason to be proud, not indeed does the history of any nation record a more perfect character, than this Anglo-Saxon sovereign."

(Cunningham, ed., 1838, I, 33-35 *passim*)

Dez anos mais tarde, em 1848, a *Vita Alfredi*, redigida por Asser, é traduzida para inglês e no ano seguinte têm lugar as comemorações do milénio do nascimento do rei, enquanto 1851, além do início, como vimos, da publicação de *A Child's History*, seria marcado pela Grande Exposição de Londres (*Great Exhibition of the Works of Industry of All Nations*),²¹ na qual Albert de Saxe-Coburg Gotha (1819-1861), o Príncipe Consorte, desempenharia, de algum modo, o papel de patrono ou figura tutelar. Ora, convirá recordar que, apesar do carácter universal e moderno da exposição, esta não só visava funcionar como uma montra da excelência industrial, tecnológica e artística da *workshop of the world*, apoiada em redes e infraestruturas económico-financeiras, comerciais e coloniais de dimensão 'proto-global', como reservava um nicho para o passado medieval, através de um pavilhão (o *Medieval Court*) projectado por um dos grandes nomes do revivalismo gótico (A. W. N. Pugin, 1812-1852) e decorado com objectos de inspiração ou sugestão cultural medievalizante. Esta coexistência, num mesmo espaço, dos tempos moderno e antigo pode ser encarada como tipificando um valor tradicionalmente caro ao pensamento, à história das ideias e das instituições

²¹ A exposição, alojada no Palácio de Cristal, construído por Joseph Paxton (1803-1865) em Hyde Park, foi inaugurada no dia 1 de Maio, tendo como comissário *Sir* Henry Cole (1808-1882); cf., por exemplo, Briggs 1990, Nicolau Andresen Leitão 1994, Maria Isabel Donas Botto 1996 e Purbrick, ed., 2013.

britânicos --- o da continuidade ---, sem esquecer que, como lembram Filipe Furtado e Maria Teresa Malafaia, "(...) o passado assumiu um papel de relevo, mas não como fuga no tempo, à maneira romântica; olhando-o, tal como se de um espelho se tratasse, os vitorianos demandavam a sua própria imagem nele reflectida, tentando o reconhecimento." (Furtado e Malafaia 1992, 37). E talvez também --- acrescentaríamos nós --- a auto-identificação.

Por tudo isto, a clarividência e mesmo a 'modernidade' das realizações de Alfred mereceriam ainda o louvor de Dickens, numa época de apogeu internacional, mas também de "tempos difíceis" para qualquer observador ou analista atento das realidades sociais e laborais internas; num período marcado por perigos e desafios, bem como por uma consciência governamental e estatal da necessidade de empreender, em diferentes áreas, reformas estruturais,²² retomando-se, pois, em escala alargada, os programas de acção alfredianos de dez séculos antes. Um exemplo curioso desta continuidade reformista chega-nos da campanha em prol da redução do número de horas de trabalho diário, que encontraria um precedente legitimador na alegada divisão do dia de Alfred em três turnos de oito horas.²³

É então chegado o momento de passar a palavra a Dickens para o primeiro dos dois excertos seleccionados:

"As great and good in peace, as he was great and good in war, KING ALFRED never rested from his labours to improve his people. He loved to

²² Considerando apenas o período 1832-1851, bastará lembrar os seguintes diplomas e medidas: *Great Reform Bill/Act* (1832), *Factory Acts* (1833, 1844, 1847 e 1850), *Slavery Act* (1833), *New Poor Law Act*, também conhecido por *Poor Law Reform* (ou *Amendment*) *Act* (1834), *Municipal Corporations* (ou *Reform*) *Act* (1835), a reforma do Código Penal (1837), *Mines Act* (1842 e 1850), a revogação das Leis do Trigo (1846), *Ten Hours Act* (1847), *Public Health Act* (1848), etc. Estas medidas, às quais outras se seguiriam até final da vida de Dickens (Por exemplo, o *Elementary Education Act*, 1870), estendem-se da legislação laboral à assistência social, do saneamento básico à cultura e ao lazer, procurando conciliar os poderes, as competências e as responsabilidades do governo central com os das administrações municipais e regionais.

²³ "Robert Fabyan in 1516 [*The Newe Chronycles of England and Fraunce*] had praised Alfred very highly, and restored to circulation William of Malmesbury's story that Alfred spent eight hours of the day on work, eight on prayer and almsdeeds, eight on sleep, eating and the needs of the realm." (Hill 1986, 101) e "(...) King Alfred's name was called upon in the campaign for shorter hours, because of his division of the day into three 8-hour periods." (*Ibidem*, 120)

talk with clever men, and with travellers from foreign countries, and to write down what they told him, for his people to read. He had studied Latin after learning to read English, and (...) another of his labours was, to translate Latin books into the English-Saxon tongue, that his people might be interested, and improved by their contents. He made just laws, that they might live more happily and freely; he turned away all partial judges, that no wrong might be done them; he was so careful of their property, and punished robbers so severely, that it was a common thing to say that under the great KING ALFRED, garlands of golden chains and jewels might have hung across the streets, and no man would have touched one. He founded schools; he patiently heard causes himself in his Court of Justice; the great desires of his heart were, to do right to all his subjects, and to leave England better, wiser, happier in all ways, than he found it. His industry in these efforts was quite astonishing."(Dickens s.d., 21-22)²⁴

Se esta transcrição evoca, inseridos no contexto histórico original, alguns dos principais feitos de um *rex justus* e um governante esclarecido e empenhado (numa palavra: modelar, o que, aliás, vinha dotando Alfred de um evidente potencial ciropédico desde o turbulento século XVII),²⁵ o segundo trecho veicula, como veremos, uma (de)codificação eminentemente vitoriana de Alfred, investindo, detectando ou fazendo confluir nele traços da mentalidade e realidade contemporâneas de Dickens, ao qual, por conseguinte, devolvemos a palavra:

²⁴ A título de curiosidade, confronte-se este passo com o parágrafo final de Duckett 1957, 178.

²⁵ Além da publicação de *The Mirror of Justices* (cf. *supra*, n.15) em 1642, Christopher Hill fornece o seguinte exemplo: "In 1723 Sir Richard Blackmore published *Alfred, An Epick Poem in Twelve Books*. This was an entirely fictitious account of the education of an ideal prince dedicated to Prince Frederick." (Hill 1986, 102). A existência, na Biblioteca Nacional (Cota: L. 6953/4 V), de uma dissertação de doutoramento permite-nos transcrever a dedicatória de Blackmore: "Being ambitious to entertain and please the Reader in order to his Instruction, as far as my Talent will extend, I have chosen for the subject of this Poem the Institution or forming of a young Prince for Empire, and the right Government of a People that is, or may be, committed to his charge." (*Apud* Arnold, 1898, 2) Filho de George II (1727-1760) e pai de George III (1760-1820), Frederick não chegaria, porém, a reinar, visto ter falecido em 1751.

O ELOGIO DE CHARLES DICKENS AO REI ALFRED DE WESSEX (871-899)¹

MIGUEL ALARCÃO²
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

"(...) under the GREAT ALFRED, all the best points of the English-Saxon character were first encouraged, and in him first shown. It has been the greatest character among the nations of the earth. Wherever the descendants of the Saxon race have gone, have sailed, or otherwise made their way, even to the remotest regions of the world, they have been patient, persevering, never to be broken in spirit, never to be turned aside from enterprises on which they have resolved. In Europe, Asia, Africa, America, the whole world over; in the desert, in the forest, on the sea; scorched by a burning sun, or frozen by ice that never melts; the Saxon blood remains unchanged. Wheresoever that race goes, there, law, and industry, and safety for life and property, and all the great results of steady perseverance, are certain to arise.

I pause to think with admiration, of the noble king who, in his single person, possessed all the Saxon virtues. Whom misfortune could not subdue, whom prosperity could not spoil, whose perseverance nothing could shake. Who was hopeful in defeat, and generous in success. Who loved justice, freedom, truth, and knowledge. Who, in his care to instruct his people, probably did more to preserve the beautiful old Saxon language, than I can imagine. Without whom, the English tongue in which I tell this story might have wanted half its meaning. As it is said that his spirit still inspires some of our best English laws, (...) let you and I pray that it may animate our English hearts, at least (...) to resolve, when we see any of our fellow-creatures left in ignorance, that we will do our best (...) to have them taught; and to tell those rulers whose duty it is to teach them, and who neglect their duty, that they (...) are far behind the bright example of KING ALFRED THE GREAT."(*Ibidem*, 23-24)

Pela clareza, riqueza e extensão desta passagem, é simultaneamente impossível e desnecessário explorar aqui todos estes vectores; note-se apenas como, falando, mas também partindo, de Alfredo, Dickens compõe e propõe uma imagem

'palmerstonianamente' radiosa do indivíduo, do povo e da civilização britânicos, exaltando a força de carácter, a autoconfiança, a perseverança, o espírito de iniciativa e o sentido de aventura, exploração, missão e liderança da primeira potência mundial oitocentista, aos quais poderíamos talvez somar o amor (e o valor) da(s) liberdade(s) económica, comercial e política, a consagração e a solidez dos direitos individuais e colectivos, etc. Estas e outras razões fariam com que qualquer reconhecimento e glorificação patrióticos do poderio britânico em meados do século XIX pudesse justificar revisitações de momentos e figuras, mais próximos ou mais remotos, considerados fundadores dessa mesma grandeza, como teria sido, segundo Dickens, o caso de Alfred de Wessex.

Paralelamente, e --- há que dizê-lo --- com o sempre desleal benefício da retrospectividade, este segundo trecho indicia já realidades históricas, políticas, ideológicas e mentais que as décadas seguintes à publicação de *A Child's History* e à morte de Dickens viriam a materializar na Grã-Bretanha, na Europa e no mundo. Assim, à medida que caminhamos para o final da era vitoriana, os patriotismos e colonialismos elevados à última potência viriam a inspirar nacionalismos e imperialismos mais ou menos chauvinistas ou xenofóbicos, tal como as teses da capacidade de adaptação dos seres vivos ao meio ambiente, da evolução das espécies, da selecção natural e da sobrevivência dos mais fortes, aptos ou capazes, expostas por Charles Darwin (1809-1882) em *On The Origin of Species* (1859), seriam transpostas e instrumentalizadas para a defesa de princípios de supremacia histórico-civilizacional e rática que teriam horrorizado 'o Newton da biologia'.²⁶

Como conclusão, deixaríamos uma ideia que, devidamente enquadrada no medievalismo vitoriano, poderá ter cruzado o espírito de Dickens: a de um paralelo entre Alfred e Albert,²⁷ separados no tempo histórico por todo um milénio, mas unidos, num tempo mítico anglo-germânico, por uma 'saxonicidade' comum. Esta

²⁶ Expressão de Arruda Furtado integrada no título de um artigo de Filipe Furtado 2001 [sic: 2003].

²⁷ O carácter polifacetado do príncipe transparece da sua evocação como um "(...) accomplished musician and linguist, good art historian, amateur architect, politically aware, liberal in religion and politics, intelligently abreast of contemporary scientific discovery (...)" (Wilson 2002, 349-350)

hipótese, que tem em linha de conta quer as origens e o nome da dinastia reinante (Hanover, na Baixa Saxónia)²⁸ e do Príncipe Consorte,²⁹ quer a opção, predominante desde 1714, por casamentos reais com casas alemãs,³⁰ quer, enfim, as próprias influências e seduções exercidas pelo pensamento e pela criação cultural de além-Reno sobre importantes nomes da *intelligentzia* britânica oitocentista,³¹ justifica novas reflexões sobre (pan)germanismo e germanofilia na Grã-Bretanha de Oitocentos³² até ao germinar da tensão entre as duas potências,³³ já após a morte de Dickens, contemporânea dos conflitos prussianos na *Mitteleuropa* e do início do processo de unificação alemã.

²⁸ Reportando-se ao já citado *Alfred, An Epick Poem in Twelve Books* (1723), de Sir Richard Blackmore, escreve Christopher Hill: "The poet's only original use of the legend was to remark that the Hanoverians came to England 'From the old seats, whence Alfred's fathers came'." (Hill 1986, 102) No plano historiográfico, duas obras dignas de referência são a *History of The Anglo-Saxons from the earliest period to the Norman Conquest* (1799-1805), de Sharon Turner (1768-1847), e *The Saxons in England* (1849), de John Mitchell Kemble (1807-1857).

²⁹ Cabe aqui recordar que Albert era também Duque da Saxónia (cf. Morgan, ed., 1989, [620]) e que Alfred viria a ser o nome escolhido para um dos seus filhos (1844-1900).

³⁰ Cf. Morgan, ed., 1989, [619]; veja-se, a propósito, o conjunto escultórico encomendado a William Theed II (1804-1891) pela princesa Victoria ou 'Vicky' (1840-1901), filha primogénita de Victoria e Albert e mãe do *Kaiser* Wilhelm II (1859-1941). Nessa peça, exposta no mausoléu real de Frogmore, Windsor, a monarca britânica e o príncipe alemão surgem representados envergando trajes anglo-saxões (Newsome 1998, extratexto 12, s.p.).

³¹ Por exemplo, S. T. Coleridge (1772-1834), Thomas Carlyle (1795-1881), Dr. Edward Pusey (1800-1882) e o casal George Eliot (Mary Ann Evans, 1819-1880) e George Henry Lewes (1817-1878).

³² "(...) ultimately, in the racial form (...) on which the nineteenth-century historians laid more stress, the conception of a unique Germanic and Anglo-Saxon heritage of freedom could be perverted to justify German or Anglo-Saxon world domination." (Hill 1986, 118) Embora reportando-se a um período posterior (1897-1914), António Lopes corrobora esta ideia: "O legado dos pensamentos darwiniano e spenceriano quanto à sobrevivência das espécies (...) acabaria por ser ideologicamente aproveitado para reclamar a superioridade rática dos Ingleses face a outros povos e reforçar assim o Anglo-Saxonismo (...). Mas a apologia da superioridade rática do anglo-saxão acarretava (...) o reconhecimento de que o germânico lhe era afim." (Lopes 1996, 6-7).

³³ "The rise of a united Germany was to be the decisive factor in overturning the world balance of power which had been on the whole very favourable to British interests (...) The British were generally well disposed towards the Germans. The Germans had frequently been their allies against the French, most recently in the Napoleonic Wars. The British had a feeling of cousinship for the Germans, fostered by recent scholarship, which often emphasized Britain's Anglo-Saxon past. The British stood aloof from both the Austro-Prussian War [1866] and the Franco-Prussian War [1870-1871] which together created the new German Reich and made Prussia, not Austria, the dominant German power." (Chamberlain 1988, 124-125). Segundo a historiadora, "Anglo-German hostility was slow and complex in its development, long tempered by the continued British belief that the main challenges were likely to come from Russia or France and countered by the now fashionable theories that 'race' was of fundamental importance in world history and that the British and the Germans, like the British and the Americans, were of the same stock and therefore natural allies." (*Ibidem*, 156)

Referências bibliográficas:

Alarcão, Miguel. 2004. "'We are all on fire (...)': os primórdios da canonização da literatura medieval inglesa" in Isabel Caldeira *et al.*, coord. *Novas Histórias Literárias/New Literary Histories. Actas do XXIII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos - APEAA* (Coimbra, 18-20 Abril 2002). Coimbra: Minerva Coimbra, 37-49.

Arnold, J.[ames] Loring. 1898. *King Alfred in English Poetry. A Dissertation Presented to the Philosophical Faculty of the University of Leipzig for the acquisition of the degree of Doctor of Philosophy by ---*. Meiningen: K. Keyssner.

Botto, Maria Isabel Donas. 1996. "A Grande Exposição de 1851: 'The Great Bazaar in Kensington' ou 'A Lesson in Taste'" in Isabel Alves *et al.*, coord. *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos - APEAA* (Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 16-18.03.1995). Vila Real: UTAD, 267-279.

Briggs, Asa. 1990. "The Crystal Palace and the Men of 1851" in *Victorian People. A Reassessment of Persons and Themes 1851-67*. Harmondsworth: Penguin Books Ltd., 23-59 (s. l.: Odhams Press, 1954).

Brooke, Christopher. 1963. *The Saxon and Norman Kings*. London: B. T. Batsford Ltd.

Chamberlain, Muriel E. 1988. *'Pax Britannica'? British Foreign Policy, 1789-1914*. London and New York: Longman Group UK Ltd., "Studies in Modern History".

Darton, F. J. Harvey. 1970 (1932). *Children's Books in England. Five Centuries of Social Life*. Cambridge: Cambridge University Press.

Cunningham, George Godfrey, ed., 1838. *Lives of Eminent and Illustrious Englishmen, from Alfred the Great to the Latest Times. On an Original Plan. Edited by ---. Illustrated by a series of finely executed portraits, selected from the most authentic sources, and engraved by eminent artists*. Glasgow: A. Fullerton and Co., vol. I, 27-35.

Dickens, Charles. S. d. *A Child's History of England*. S. l.: Heron Books, "Complete Works - Centennial Edition".

Duckett, Eleanor. 1957. *Alfred the Great and his England*. London: Collins.

Furtado, Filipe. 2001 [sic: 2003]. "O ano da morte de 'Carlos' Darwin: Homenagens portuguesas ao 'Newton da Biologia' in *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses* (Lisboa, 6-8 de Maio de 2001). Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 165-174.

O ELOGIO DE CHARLES DICKENS AO REI ALFRED DE WESSEX (871-899)¹

MIGUEL ALARCÃO²
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

----- . 2003. "A Historiografia Whig e a Identidade Inglesa" in *Anglo-Saxónica. Revista do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Centro de Estudos Anglisticos e Edições Colibri, Série II, nº 18, 57-68.

----- e Maria Teresa Malafaia. 1992. *O Pensamento Vitoriano. Uma Antologia de Textos*. Organização, tradução e notas de ---. Lisboa: Edições 70, Lda.

Hill, Christopher. 1986 (1954). "The Norman Yoke" in *Puritanism and Revolution. Studies in Interpretation of the English Revolution of the 17th Century*. Harmondsworth: Penguin Books, "Peregrine", 58-125.

Keynes, Simon e Michael Lapidge, trad., 1983. *Alfred the Great. Asser's 'Life of King Alfred' and Other Contemporary Sources*. Harmondsworth: Penguin Books Ltd., "Penguin Classics".

Leitão, Nicolau Andresen. 1994. *Exposições Universais – Londres 1851*. Lisboa: Expo 98, 1994.

Lopes, António Manuel Bernardo. 1996. *Os outros Saxões. Imagens da Alemanha na literatura popular eduardiana*. Dissertação de Mestrado, inédita, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Morgan, Kenneth O., ed., 1989 (1984). *The Oxford Illustrated History of England*. Oxford: Oxford University Press.

Newsome, David. 1998 (S.l.: John Murray, 1997). *The Victorian World Picture. Perceptions and Introspections in an Age of Change*. London: Fontana Press.

Orwell, George. 1986 (ed. orig. in *Inside the Whale*, 1940). "Charles Dickens" in *Decline of the English Murder and other Essays*. Harmondsworth: in association with Martin Secker & Warburg, 80-141.

Parker, Joanne. 2007. *'England's Darling': The Victorian Cult of Alfred the Great*. Manchester: Manchester University Press.

Purbrick, Louise, ed., 2013 (2001). *The Great Exhibition of 1851. New Interdisciplinary Essays*. Manchester and New York: Manchester University Press, "Texts-in-Culture".

Sambrook, James. 1989 (1986). *The Eighteenth Century. The Intellectual and Cultural Context of English Literature, 1700-1789*. London and New York: Longman Group UK Limited, "Longman Literature in English Series".

Wilson, A. N. 2002. *The Victorians*, London: Arrow Books.

Wood, Michael. 2000 (S. l.: Viking, 1999). *In Search of England. Journeys into the English Past*. London: Penguin Books.